João Penalva
Um crime que urge reparar, 2018
Friso escultórico em baixo-relevo da autoria de Anjos Teixeira, Alexandre da Silva, António da Costa e Henrique Moreira, executado em calcário brando da Batalha, entre 1926 e 1928 por encomenda do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro; telão pintado por Fabrízio Matos, em junho de 2018; balcão em madeira, esferovite, papel, tinta, PVC, vidro acrílico e vinil autocolante, executado por Cristina Lucas e Guilherme Monteiro, em junho de 2018; balcão em esferovite e gesso executado por António Bastos Costa, em junho de 2018; paredes pintadas e desenhos a giz executados por Bruno Fonseca e Renato Ferrão, em julho de 2018; impressões a jato de tinta sobre papel executadas por Guide Artes Gráficas, em julho de 2018; projetores de iluminação e filtros de cor.

João Penalva (1949) iniciou a sua carreira na dança, nas companhias de Pina Baush e Gerhard Bohner. Entre 1976 e 1981, estudou no Chelsea School of Art, em Londres, onde vive e trabalha desde então. No seu trabalho, utiliza a pintura, a fotografia, a instalação e o vídeo, muitas vezes combinados com texto. A sua obra possui uma forte componente ficcional e narrativa, construindo mundos de relações que partem de estórias reais, recreadas ou puramente construídas.

Representou Portugal na XXIII Bienal Internacional de São Paulo (1996) e na XLIX Biennale di Venezia (2001). Participou também na Berlin Biennale 2 (2001) e na Biennale of Sydney (2002). As suas exposições individuais incluem: CCB, Lisboa (1999); Camden Arts Centre, Londres, Contemporary Art Centre, Vilnius, Galerie im Taxispalais, Innsbruck e Tramway, Glasgow (2000); Rooseum Center for Contemporary Art, Malmö (2002); Institute of Visual Arts, Milwaukee e The Power Plant, Toronto (2003); Museu de Serralves e Ludwig Museum Budapest (2005); IMMA / Irish Museum of Modern Art (2006); DAAD Gallery e Mead Gallery, Universidade de Warwick (2007); Lunds Konsthall e Chiado 8 (2010); CAM / Fundação Calouste Gulbenkian (2011); Brandts Kunsthallen, Odense (2012); Trondheim Kunstmuseum, Trondheim (2014); MUDAM, Luxemburg (2018).

João Penalva (Lisbon, 1949) began his career in ballet and contemporary dance, having danced with Pina Bausch and Gerhard Bohner companies. After settling in London in 1976, he began a career as a visual artist, using painting, photography, installation and video, frequently combined with text. His work has a powerful fictional, even narrative, component, and constructs worlds of relationships that begin with real, recreated or purely constructed stories.

In 1993, at the Porto Customs House (then in the process of being deactivated), Penalva held his first installation: *Arquivos e Café*. This was a very important work for his own artistic development and for Portuguese contemporary art, since it achieved a symbiosis in relation to the place that had meanwhile been rendered obsolete and displaced in time.

With this intervention in mind, João Penalva was challenged to intervene in Culturgest Porto, where the memory of its past as a banking institution and the historic nature of its heavily decorated architecture are both still clearly evident. The work that he developed took advantage of this doubly historical set of circumstances (both in terms of the institution and his own personal artistic career) to produce a site-specific intervention.

Curadoria
Delfim Sardo
Mário Valente

Coordenação de Produção
Mário Valente

Culturgest Porto
Susana Sameiro

Montagem
Bruno Fonseca
Renato Ferrão

Adereços
António Bastos Costa
Cristina Lucas
Guilherme Monteiro

Telão
Fabrízio Matos

Iluminação
João Penalva

Impressão digital
Guide Artes Gráficas

Transporte
Adjober Carvalho
Alione Carvalho
António Escrivanes
Bruno Joviano
Danilo Rodrigues
Gilmar Monteiro
José Ricardo Oliveira
Roentje Rodrigues
Weslley Lima
Wilian Vieira

Agradecimentos
Ana Monteiro e Sónia Bonacho (Gabinete de Património Histórico da CGD), Margarida Ferraz, Joaquim Pombo, Joana Costa Brites, Paulo Oliveira, Carla Arantes, Carla Pais, João Borges, Manuel Calhanas e João Pardal Monteiro

Culturgest Porto

De quarta-feira a domingo, das 12h30 às 18h
Edifício CGD, Avenida dos Aliados n.º 104,
4000-065 Porto · Telefone: 22 209 81 16

www.culturgest.pt

Exposição · 7 julho – 23 setembro 2018

João Penalva

Um crime que urge reparar

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Em 1993, João Penalva realizou a sua primeira instalação, no edifício da Alfândega do Porto, então em processo de desativação, composta por duas partes: *Arquivos* (que incluía um livro de artista) e *Café*. Um marco na história da arte contemporânea portuguesa, essa intervenção conseguia uma simbiose em relação ao local que quase a camuflava no espaço, entretanto já obsoleto e deslocado no tempo. Nessa instalação foram utilizadas pelo artista 24 toneladas de papel, documentos de arquivo prestes a serem inutilizados, reorganizados numa operação que a todos os títulos parecia invisível, camaleonicamente escondida por ser tão mimética em relação ao lugar. Em *Café*, no que aparentava ser uma extensão da cafetaria do lugar, encontrava-se uma seleção de objetos que poderiam (ou não) porvir do espólio da Alfândega – a que se juntava uma réplica adulterada de *An oak tree*, obra do artista Michael Craig-Martin, de 1973 –, prolongando a mimética e a operação sobre as condições de representação e presença na arte.

Com a recordação dessa intervenção em mente, foi lançado o repto a João Penalva para intervir no espaço da Culturgest Porto, no qual a memória do seu passado como instituição bancária e a historicidade da sua arquitetura intensamente decorada estão patentes. Desenhado por Porfírio Pardal Monteiro e concluído em 1931, o edifício sofreu várias remodelações ao longo dos anos para se adaptar à rápida evolução do mercado bancário. A mais violenta aconteceu em 1953 e, na voragem dessa adaptação, foram desmantelados os balcões originais (para serem substituídos por outros), demolidas paredes divisórias e retirados os frisos escultóricos que decoravam toda a parte superior das paredes da sala principal da agência bancária. Estes baixos-relevos tinham sido encomendados por Pardal Monteiro aos escultores Henrique Moreira, António Costa, Anjos Teixeira e Alexandre da Silva ("quatro grandes painéis que devem representar várias modalidades da atividade humana", segundo a proposta do arquiteto) e faziam parte da decoração simbólica (por vezes mesmo alegórica) que o arquiteto projetou e que se encontrava vinculada à cultura republicana da década de 1920. Em 1983, um professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, B. Xavier Coutinho, tendo-se deparado com o abandono a que os frisos estavam sujeitos, escreveu uma carta dirigida ao então diretor coordenador do Porto da Caixa Geral de Depósitos, Bessa Monteiro, que incluía um pequeno relatório com o título "Um crime que urge reparar". O documento denunciava as condições de degradação das obras escultóricas, por si consideradas como elementos patrimoniais do maior valor artístico. Entretanto colocadas num armazém da CGD, as pedras que compõem os frisos foram agora transladadas para o seu local de origem e recolocadas segundo a ordem em que estavam armazenadas – e não a ordem, agora impossível de reconstituir pela escassez de documentação fotográfica ou de projeto, em que se encontravam nas paredes antes da sua deposição.

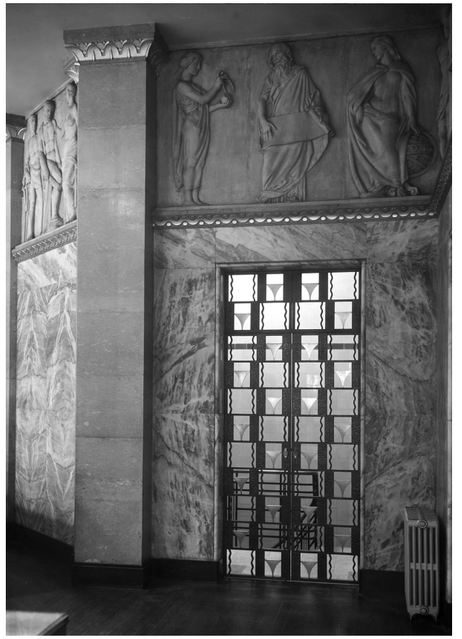
Confrontando-se com as ruínas destes elementos escultóricos encontram-se agora interpretações dos balcões de atendimento, encomendadas a aderecistas por João Penalva, a partir de fotografias do espaço original que replicam (ou evocam) numa linguagem plástica teatral. Vertido em maquetes grosseiras à escala real em madeira, esferovite e gesso ou pintado num telão, o cenário que assim fica montado torna o edifício, ele mesmo uma agência bancária convertida em galeria de exposições, num teatro da sua existência passada, no qual o verismo dos elementos escultóricos dos frisos parece colaborar numa operação de distanciação.

Neste processo quase brechtiano (a *Verfremdung* é esse mecanismo de gerar distanciação), são os próprios mecanismos de representação que passam a ser os protagonistas: a representação do poder económico que é uma agência bancária, o lugar da arte como lugar de exercícios representacionais, tudo envolvido num deslizamento temporal. O trabalho que João Penalva desenvolveu para a Culturgest gera, assim, um conjunto de tempos mutuamente diferidos, nos quais a história do edifício e as vicissitudes da instituição, a heterotopia da memória, da sua representação, a obsolescência e a ideia de reparação se cruzam.

Delfim Sardo

Fotografia: Casa Alvão, Porto / Arquivo Histórico CGD

Fotografia: Casa Alvão, Porto / Arquivo Histórico CGD



Fotografia: Col. Estúdio Mário Novais / FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos